

RELAÇÕES DE TROCA – ANÁLISE DA SÉRIE HISTÓRICA PARA GRÃO DE SOJA, SEMENTE DE SOJA, ÓLEO DIESEL E TRATOR, DE 1994 A 2013 NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

GEVERSON CULAU¹; HENRIQUE SOUZA BRAZ²; TAÍS BARBOSA BECKER²; MÁRIO DUARTE CANEVER³; VOLNEI KOHLS³

¹Universidade Federal de Pelotas, Acadêmico da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel – geversonculau@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas, Acadêmico da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel

*³Professor do Departamento de Ciências Sociais Agrárias – FAEM – UFPel
caneverm@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Atualmente o Brasil participa no mercado da soja como primeiro exportador e segundo maior produtor mundial, perdendo apenas para os Estados Unidos (USDA, 2013). No Brasil a área ocupada ultrapassa 27 milhões de hectares, com a produção alcançando mais de 81 milhões de toneladas na safra de 2012/2013. O Rio Grande do Sul é o 3º maior produtor nacional, com uma produção de 12,5 milhões de toneladas de grãos (CONAB, 2013).

Um dos fatores primordiais para a competitividade da produção de soja é o custo de produção. Sementes, óleo diesel, fertilizantes, depreciação de máquinas e equipamentos, mão-de-obra, estão entre os principais fatores de produção que influenciam nos custos. Conforme a CONAB (2013) para o município de São Luiz Gonzaga - RS, os custos com sementes correspondem à aproximadamente 7,2% dos custos totais de produção, enquanto a depreciação e os custos de operação de tratores e colheitadeiras respondem por 3,2% e 9,3%, respectivamente.

Saber o custo de produção é importante e estratégico para o produtor, contudo relacioná-lo com os preços obtidos também é fundamental. Esta relação é conhecida como relação de troca e é definida pela razão entre o preço de venda de um produto e o preço de compra de insumos realizados pelo agricultor necessários para a sua produção. Esta relação permite ao agricultor utilizá-la como uma importante ferramenta de gerenciamento, pois as variações de relação de troca acabam se repetindo no decorrer dos anos, sinalizando ao produtor os momentos mais adequados ou inadequados para a realização de compra de insumos e venda dos produtos (ANTUNES & ENGEL, 1999).

O presente trabalho tem por objetivo avaliar as relações de troca da soja com os principais insumos utilizados na sua produção.

2. METODOLOGIA

Os dados de preço de sementes de soja no período de 1994 a 2013 foram obtidos no Instituto de Economia Agrícola (IEA), portanto, dados para o estado de São Paulo. Já os valores referentes ao preço por quilograma de grãos de soja e demais custos foram disponibilizados pela EMATER-RS. Embora tenhamos utilizado dados de diferentes estados, acreditamos que para o intuito de analisar as relações entre preços isso não compromete os resultados, devido as variações de preços padrões entre os estados, isso porque as empresas fornecedoras dos insumos são em sua maioria multinacionais.

Os dados de custos referem-se a preços pagos pelos agricultores do estado do Rio Grande do Sul. Os dados coletados foram passados para uma planilha do Excel e a partir destes, efetuou-se os cálculos da relação de troca.

O cálculo de relação de troca consiste na divisão do valor do insumo sobre o valor da unidade de produto, determinando assim a quantidade de produto necessária para a compra de determinada quantidade de insumo. (GOLDMEIER, 2012)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após o processamento dos dados, observou-se, conforme figura 01 a relação de troca na média de 2,07 quilogramas de grãos de soja para um quilograma de semente. Para isto, no ano de 1994 a média da relação encontrava-se abaixo da média e após em 2013 acima da média, formando desta forma uma linha de tendência crescente. Isto para o sojicultor sinalizou uma valorização da semente superior ao grão de soja.

Nota-se várias baixas e altas no decorrer das safras, porém em específico no período de março de 2006, onde a necessidade de quilogramas de soja, para compra de um quilograma de semente foi muito maior, o câmbio nesta época foi o responsável por essa diminuição de rentabilidade, devido na safra reduzir os preços e ao comprar os insumos pelo motivo do real desvalorizado, manteve o valor dos insumos elevados em reais (CEPEA, 2006).

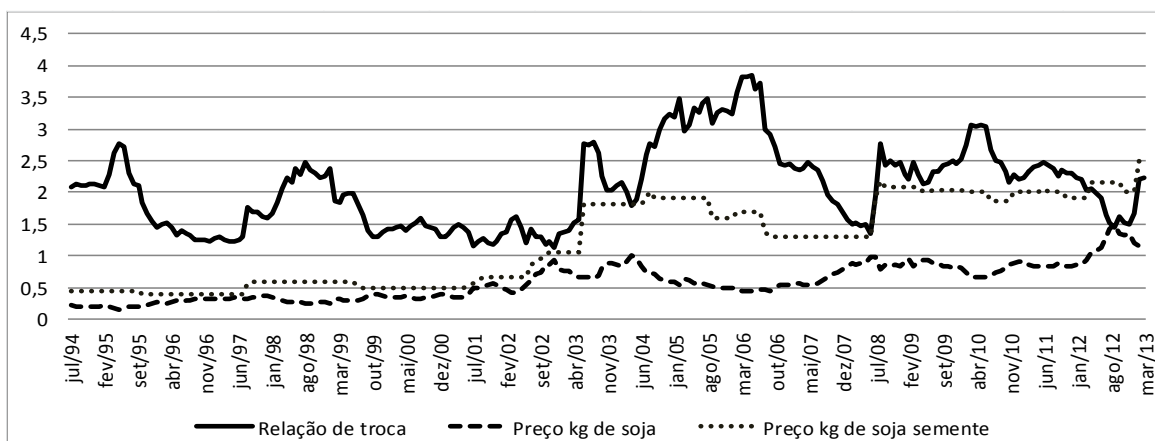


Figura 01: Quantidade de soja (quilos) necessária para comprar 1 quilograma de semente entre Julho de 1994 à Março de 2013.

Quando comparamos a relação de troca entre óleo diesel e soja em grãos (Figura 02), podemos observar uma linha de tendência crescente semelhante ao que ocorre na figura 01. Novamente houveram expressivos pontos de alta, como por exemplo em março de 2006 em que necessitava-se de 4,33 quilogramas de grãos de soja para comprar um litro de óleo diesel. Por outro lado, tanto no início da série (1994), como no final (2013) necessitava-se neste mesmo mês 1,64 e 2,03 quilogramas de soja para a compra de litro de óleo diesel, respectivamente.

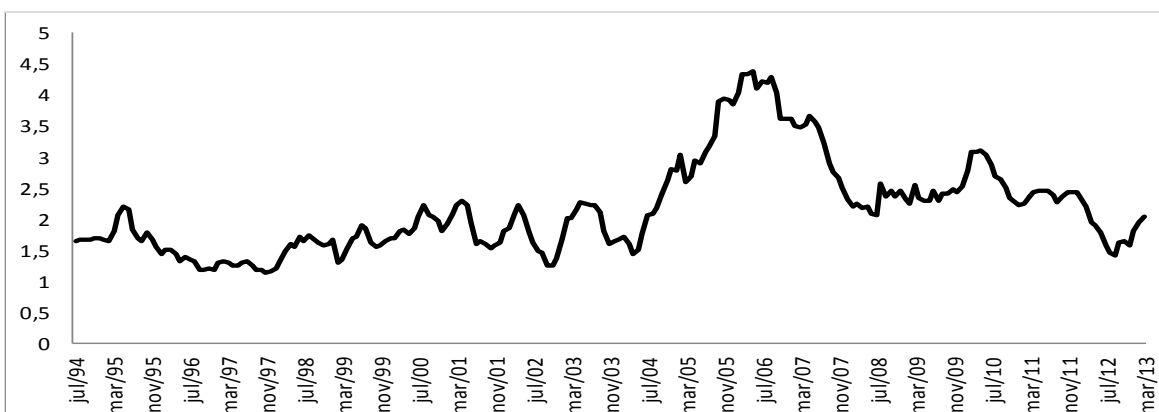


Figura 02: Quantidade de soja (quilos) necessária para comprar 1 litro de óleo diesel entre Julho de 1994 à Março de 2013.

Diferentemente das outras relações, nota-se que a soja teve uma maior valorização quando comparada à unidade de trator acima de 100 cv (Figura 03). De 1994 o valor unitário de um trator aumentou 2,3 vezes, enquanto que a soja no mesmo período aumento 5,4 vezes o seu valor. A partir dos dados avaliados, observou-se uma linha de tendência decrescente favorável ao produtor de soja.

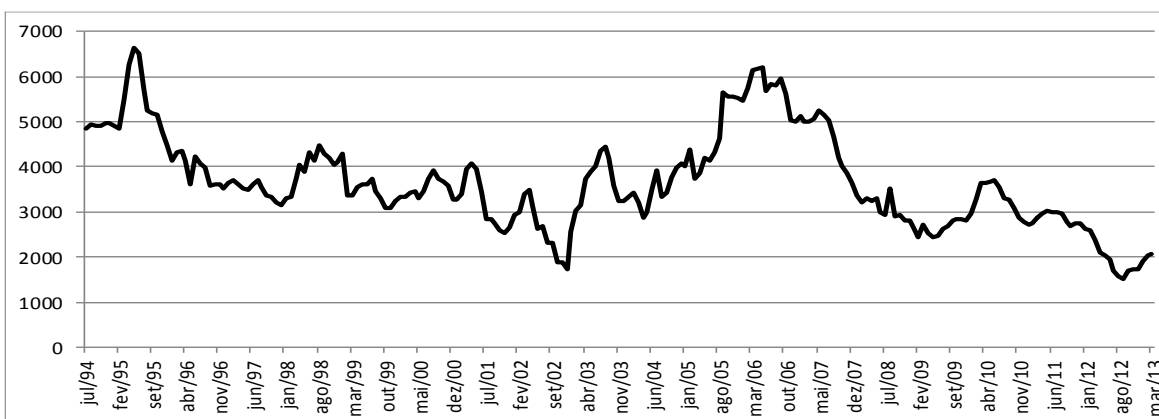


Figura 03: Quantidade de soja (sacas de 50kg) necessária para comprar 1 unidade de trator acima de 100cv entre Julho de 1994 à Março de 2013.

4. CONCLUSÕES

As relações de trocas entre soja - sementes e soja - óleo diesel mostraram-se desfavoráveis ao sojicultor. Ou seja, a tendência foi crescente ao longo do período, tendo picos entre 2005-2007. Já em relação à aquisição de tratores a relação é favorável ao sojicultor. Tal fato, contudo, necessita ser mais bem investigado para determinar as razões de tal comportamento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

USDA. (12 de agosto de 2013). **World Agricultural Production**. Acesso em 30 de agosto de 2013, disponível em: <http://usda01.library.cornell.edu/usda/current/worldag-production/worldag-production-08-12-2013.pdf>.

ANTUNES, L. M., & ENGEL, A. (1999). **Manual de Administração Rural**. 3. Ed. Guaíba. Editora Agropecuária, 1999.

CEPEA. (Dezembro de 2006). **Agromensal**. Acesso em 13 de Agosto de 2013, disponível em: http://www.cepea.esalq.usp.br/agromensal/2006/12_dezembro/Soja.htm

CONAB. (Junho de 2013). **Acompanhamento da safra Brasileira de Grãos**. Acesso em 11 de Agosto de 2013, disponível em http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/13_06_06_09_09_27_boletim_graos_-_junho_2013.pdf

CONAB. (Janeiro de 2013b). **Custo de produção**. Acesso em 13 de Agosto de 2013, disponível em http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/13_04_05_16_08_51_soja-rs-saoluizgonzaga-pd-jan-2013.pdf

GOLDMEIER, M. S.; DURIGON, M. A.; STASINSKI, R.; OZELAME, A. L.; CANEVER, M. D. (2012). **Análise do comportamento dos preços do leite no Rio Grande do Sul – Série Histórica de 1991 a 2010**. Acesso em 11 de Agosto de 2013, disponível em Congresso de Iniciação Científica - UFPel: http://www.ufpel.edu.br/cic/2012/anais/pdf/CA/CA_00527.pdf